

**A. O. CAVANHA**

---

**M  
U  
C  
I  
D  
A  
D  
E**

---

**1.941.**



" Na mocidade, na estação ferosa,  
Ama-se a vida — a mocidade é crença,  
E a alma virgem nesta festa imensa  
Canta, palpita, s'extasia e goza!"

*Casimiro de Abreu.*

1.858.



**“ Pisa, a sorrir, as fragas e os espinhos,  
Vence, a cantar, misérias e tormentos;  
Segue da vida os ásperos caminhos,  
Semeando ideal e amor aos quatro ventos!”**

*Leonidas de Barros.*

**1.913.**



" Que te importa o banal? A propriedade? O mundo?  
Si tè negam o pão, usa a fôrça, expropria;  
em vez de humilhar, faze-te vagabundo!

Ergue no espaço, a lira em çamas, uma aurora,  
e lega, quando morto, á multidão sombria,  
um grito de revolta e uma estrofe sonora. "

**Afonso Schmidt.**

**1.934**



Só na infância — se canta por prazer.  
O adolescente — canta por cantar.  
Por ter na MOCIDADE — o que inspirar.  
P'ra ocultar na velhice — o padecer.

1.941.



# Mocidade



## *Mocidade*

Todos sonham e cantam - MOCIDADE -  
Ideal altivo, amor bem flamejante;  
Um viver que não pensa-se na idade,  
Só por se ter um coração amante.

Na MOCIDADE, ha só, felicidade.  
Sempiterno, um reinado tão sonhante,  
Onde jamais conhece-se a saudade,  
E só se traz o coração arfante.

Meu coração, porém, carrega luto.  
O seu tempo acabou, de ser arguto,  
Lhe veste uma mortalha de veludo.

E passa mergulhado só no estudo.  
Assim, estou passando, a MOCIDADE,  
Em vez de ideal, canto eu, dicaz saudade.



*Era uma vez ...*

Vem-me no esconso, as vezes, á memória,  
Ao divisar um pássaro cativo,  
Uma triste e mui triste; antiga história,  
Que se passou, u'a vez, era co' um divo.

No passado — vivia-se a contar.  
No presente — se está a repetir.  
No futuro — tambem, se ha de escutar,  
E todo mundo lhe terá que ouvir.

Foi de século em século passando,  
E no presente, está, a se espalhar.  
E por isso p'ra todos avisando,  
Quero dizer, a história, vou narrar:

Era uma vez um rico muito airoso,  
Que entre todos, julgava-se, feliz.  
Mas vivia, porém, muito orgulhoso,  
Talvez a sorte assim então o quiz.

Elegante e jovial foi sua infância.  
De todos a sentir grande carinho,  
Era o pássaro em toda vizinhança,  
Que sentia feliz seu lindo ninho.

O tempo foi passando. Êle crescendo,  
Já via a adolescência então chegando;  
Co'as forças necessárias, tão só, tendo  
É que, êle sai ao mundo voando, voando . . .

Neste lapso não bem, mais já cantava,  
Porque traduz o seu canto alegria.  
E num constante gargalhar, passava  
A vida. Para si tudo sorria.

Aquele alegre canto demorou.  
Mas bem cedo encontrou, o alguém, o amor.  
O seu canto cessou; não mais voou . . .  
Passou depois, cantar, com mais fervor.

No começo êle não, não a ligava.  
Passando perto dela bem contente,  
Não lhe dava atenção, mesmo passava,  
Junto dela, a sorrir, indiferente.

No entretanto ela o amava loucamente,  
Sem alguma palavra lhe dizer.  
Pensou que tornar-se-ia uma demente,  
Se êle não a quizesse compreender.

Mas o tempo se foi, veloz passando,  
Sua paixão á êle ia fenecendo.  
E êle sentiu o amor dela, chegando,  
Um amor que por ela ia nascendo.

Mas depois ela não, não o ligava.  
Passando perto dele bem contente,  
Não lhe dava atenção, mesmo passava,  
Junto dele, a sorrir, indiferente.

Agora nada mais, o que fazer.  
Sentia no seu coração, nascendo  
A tristeza; a alegria já morrer.  
No peito a nostalgia, só, vivendo.

Assim passou a inteira mocidade.  
Mas chegou a velhice, e o vôo alçando,  
Por perder seu amor, felicidade,  
Foi viver novamente, só, cantando.

Mas aquela alegria vivaz dantes,  
Não mais traduz seu já mísero canto.  
Vivia alegre e f'liz, bem como infantes.  
Depois, o canto seu, regava o pranto.

Só na infância — se canta por prazer.  
O adolescente — canta por cantar.  
Por ter na MOCIDADE — o que inspirar.  
P'ra ocultar na velhice — o padecer.

**O**

**livro**

**escolar**



## *Ser Mestre*

Ser mestre é ser um gênio disfarçado,  
É ser fonte que em jorros da saber,  
Ser livro que responde com agrado  
Aquele desejoso de aprender.

Ser mestre é professar de modo honrado  
Sua missão nobre e dura, o seu dever,  
É espalhar luz do bem, verbo sagrado,  
Nisto vendo o melhor do seu viver.

Ser mestre é andar pregando a gran verdade  
Que jorra da ciência vasta, imensa,  
E que no mundo traz felicidade.

Ser mestre é ter na vida faina intensa,  
É educar co'a maior simplicidade,  
Sem jamais esperar a recompensa ...

*Abdon Petit Guimarães Carneiro*

Esta morte que rouba tantas vidas,  
Que reduz tudo a pó e tudo a nada,  
Prossegue em sua faina, desalmada,  
Ceifando ainda as vidas mais compridas.

Misteriosa prossegue a caminhada,  
Sem ter as suas fomas desmentidas;  
Suas vitórias vão sempre envolvidas,  
Com a dôr da família enlutada.

Mas mui feliz aquele nosso mestre,  
Que desbravou em nós o campo agreste,  
Nos inculcando um pouco de saber.

Em nós, ainda vivaz, bem altaneiro,  
O ensinamento de Petit Carneiro,  
Imorredouramente há de viver.

## *Normalista*

Eis-te no fim desta escolar jornada,  
É com razão te sentes orgulhosa,  
Ao grau de mestra já foste elevada,  
Vais exercer missão nobre e espinhosa.

Tu no estudo vivias empenhada,  
Aprendendo nos livros, zafanosa,  
Mas afinal chegaste ao fim da estrada,  
Serás agora a mestra mais bondosa.

Contigo aprenderá toda a criança,  
A perfeita e bendita educação,  
E no estudo-terá perseverança.

Mais tarde guardarás no coração  
Uma formosa e divinal lembrança:  
A de ter feito os homens da nação.

*As crianças*

São as crianças pedrinhas mui preciosas  
Que o pai ao mestre, entrega na sua mão;  
Ainda brutas, não muito formosas,  
Mas trazendo a beleza em seu embrião.

Na oficina do mestre que a tração  
Vai sofrer. Enquanto umas trabalhosas,  
Outras são, no entretanto, de boa ação,  
Sofrendo mutações vertiginosas.

Só mais tarde vai ver sua feitura;  
Quando prontas, e assim na sua candura,  
Podendo ser então examinadas.

Nesta azafama passa muitos an  
P'ra entrega-las depois aos dias mundanos,  
Ainda brilhando como lapidadas.

## *Amizades escolares*

Não ha maior amizade,  
Do que a do lapso escolar.  
Ela atinge a eternidade,  
Sempre e sempre a recordar,  
Flor-de-lis que ressaiu,  
Sem jamais se derribar.

Quem a pode conservar,  
N'um canhenho, traduzida,  
Feliz é, porque ao folhear,  
No final da sua vida,  
Lembrar-se-á da mocidade.  
E da infância, se esquecida.

Que gravada fique aqui,  
P'ra poder um dia então,  
(Quando o album junto a tí)  
Trazer-te a recordação.  
Amizades escolares  
Que jamais se apagarão.

*Adeus, escola*

És tu a divina taça,  
Cheia sempre do saber;  
Todo estudante que passa,  
Tem que o líquido beber.

E este líquido triunfal,  
Vem d'um meio não agreste.  
É a palavra divinal,  
Que promana do seu mestre.

Adeus, escola querida,  
Onde bebi o saber.  
Onde aprendi para a vida,  
Diretrizes de viver.

*A despedida*

Um adeus, queridos mestres,  
Que amanhais meios agrestes,  
Pra regalo do viver.  
Professar vossa missão,  
Com inteiro coração,  
Espalhando mui saber.

Eu que ouvi vossos conselhos,  
Sereis vós, os meus espelhos,  
Para guia do viver.  
Sereis sim, tenho certeza,  
E cumprirei minha empreza,  
A espalhar vosso saber.

Muitos anos eu passei,  
E p'ra sempre os ouvirei,  
Quando a mim, vos dirigir.  
Fui aluno e seu amigo,  
Suas palavras bendigo,  
Quer agora, ou no porvir.

E hoje que é a despedida,  
Partirei p'ra luta á vida,  
Cumprirei minha missão.  
Lembrem-se que partirei,  
Mas p'ra sempre deixarei,  
ara vós meu coração.

**O**  
**livro**  
**de**  
**Isabel**



*Izabel.*

Quando eu te conheci eras criança,  
Mas trazias os traços de mulher:  
Ideal. Desde êste dia nem siquer  
Saiste-me, um instante da lembrança.

Co'os teus cabelos negros numa trança,  
E o aroma a exalar do vetiver,  
Eu confêssô, ao te ver, bem rosicler:  
A uma diva tinhas semelhança.

Não te esqueci E o tempo foi passando.  
Com carinho a saudade estou cultuando,  
Só por tê-la plantada em meu vergel.

Ainda hoje que se passam já dez anos,  
Teus traços... teu amor... guardo-os arcanos,  
E eternamente guardarei... Izabel.

*Sonho virginal*

Pois foi, na virgindade do meu sonho,  
Que teu semblante invencionei, risonho,  
Integro de candura, como a prece,  
Que á Deus, uma devota, lhe oferece..

Eu não notei em ti, um carantonho,  
Só, no entretanto, o aspeto teu bisonho.  
E o quanto eu lucraria com tal messe,  
Pois não notei em ti nenhum refece.

Eu vi em ti um ser muito divino,  
Que não podia a terra então descer,  
E alimentar alguém tão pequenino.

E para não sentir um seu travonho,  
Quizera, sempiterno, até morrer,  
Viver constantemente neste sonho.

*Foi depois...*

Foi desde que você se foi embora,  
Que eu então afoguei-me na bebida,  
E co'a taça na bôca, a qualquer hora,  
Vou bebendo os pedaços da mi'a vida.

Os asilos não dão-me mais comida,  
E no mundo a vaguear, sem bota-fora,  
Minha vida, me fica tão dorida,  
Um martírio, onde a turba me exautora.

Cada vez meu conceito se minora.  
Mas eu continuarei neste epicédio,  
Por saber que não tenho mais escora.

Assim será, mi'a vida eterno tédio,  
Mas vivendo, tão só, nesta canora,  
Espero ser o tempo, meu remédio.

*Amor de garimpeiro*

Eu por todo o bulício da cidade  
Procurei-te, mas tudo... tudo em vão.  
E fui achar-te na profundidade,  
No talvegue de um grande caldeirão.

E por causa da sorte, ou por maldade,  
O diamante da caixa de charão  
Sumiu. Sim, o perdi. Com a saudade  
Fiquei, alimentando o coração.

E tu sabes? Es tu o tal diamante,  
que seduzia a mim, um garimpeiro,  
E fazia trazer o peito arfante.

Ainda hoje ando a procura dessa pedra,  
Que outrora foi o meu melhor parceiro,  
Na esperança de um dia ser mi'a medra.

## *Tuas mãos*

Estas mãos, virgens e ternas,  
Bem, bem iguais, as maternas  
Dadivosas, que tu tens,  
Feitas por Deus, o Senhor,  
Para levarem dulçor,  
Àqueles que nada tem,

São simples, puras e belas,  
Tais quais as flores singelas,  
Que nascem lá no jardim.  
Quizera tê-las comigo,  
Levá-las ao meu jazigo,  
Guardá-las sempre p'ra mim.

*Musa*

És a mais perfeita rosa,  
Que meu jardim ostentou  
És a diva mais formosa,  
Que um humano invencionou.  
És a diva mais perfeita,  
Que em divícia aqui pisou;  
És a musa que deleita ...  
Pois foste quem me inspirou.

## Devoção

Toda manhã, tendo uma igreja ao lado,  
As devotas, irmãs de pensamento,  
Reuniam-se em horário já marcado,  
Para prestar o santo sacramento.

Depois de conversarem um momento,  
Resolutas, fieis, de modo honrado,  
Galgando a escadaria do convento,  
Chegavam ao altar, logar sagrado.

Com alma nobre, pura e mui submissa,  
Imploravam à todos cá da terra,  
O amor a Deus, e o eterno ódio à guerra.

Lá ficavam de início ao fim da missa,  
Fazendo as orações, amando a Deus,  
Dando um exemplo a todos irmãos seus.



O

livro

de

Regina



## *O olhar de Regina*

Certa vez, conheci uma menina.  
Dona de uns, olhos verdes, côr do mar;  
Desde então, seu olhar, que me domina  
E para sempre, há sim, de dominar.

Aquele belo olhar que me fascina,  
Olhar de lince feito para o amar.  
É êle quem nas trevas me ilumina,  
Com luz igual, aquela, do luar.

Por isso noites de vigilia eu passo,  
No jardim, ou então, lá no terraço,  
Venerando á luz meiga do luar.

E por saber, que nunca será meu,  
Deixai-me Deus, viver como judeu,  
P'ra esmolar, de joelhos, teu olhar.

*Mendigo*

As vezes, eu invejo, do mendigo,  
Aquele modo humilde de implorar;  
Um falar, de quem fala constrangido,  
A procura de alguém p'ra lhe esmolar.  
Quizera ter coragem d'um mendigo,  
E aquele modo humilde de falar,  
Para quando estiver junto contigo,  
Algo de ti, também, eu implorar.

*A mulher*

Certas vezes também choro,  
Só por saber que eu adoro  
A mulher que não me quer.  
Eu sinto um que diferente  
Atormentar minha mente,  
Ao lembrar desta mulher.

Mas a vida é mesmo assim,  
P'ra uns — um roseiral sem fim,  
E para outros — um tormento.  
Um sonho, doce alegria,  
Visão que o mundo queria.  
E para outros sofrimento.

Mas esta visão querida  
Que me acompanha na vida  
Sem me deixar um instante,  
Que ela tem em mim não sabe  
U'a paixão que já não cabe  
Dentro do meu peito amante.

Como adoro esta visão  
Que brotou no coração  
E ensinou-me o que é penar.  
Quanto mais vivo no escuro,  
É quanto mais eu procuro  
O seu vulto divisar.

Meu penar — não vale nada,  
Si a minh'alma tem gravada,  
O vulto desta mulher.  
Como então eu sou feliz,  
O meu lábio não te diz,  
Tudo o que queria dizer.

Um momento não me esqueço  
Do vulto por que padeço,  
Neste mundo de ilusão.  
Tenho a minh'alma a sangrar  
Só por ter visto brotar,  
A ilusão no coração.

Meu coração latejando  
Passa o dia te chamando  
Sem uma resposta ter.  
Padece — sofre — querido,  
P'ra não seres atrevido  
De grandes coisas querer.

Levarei para onde for—  
O teu vulto — teu amor—  
Enfim tu, linda mulher.  
Mas as vezes também choro  
Só por saber que eu adoro  
A mulher que não me quer.

Um momento não me esqueço  
Do vulto por que padeço,  
Neste mundo de ilusão.  
Tenho a minh'alma a sangrar  
Só por ter visto brotar,  
A ilusão no coração.

Mas esta ilusão querida  
Terá em meu peito guarida  
Até o dia que eu morrer.  
Levarei para o jazigo,  
S'ra sepultada comigo,  
A ilusão desta mulher.

## *Teu piano*

*(tua alma)*

Êste piano é, sei bem, tua alma,  
Ou então, companheiro teu melhor.  
Contigo compartilha com mui calma  
Quer na alegria, desengano ou dôr.

Quem na hora da alegria, bem te açalma  
Para viveres tu com mais ardor;  
E já na hora da dôr é quem te acalma  
Sempre com um suave pundonor.

Por isso ao ver-te junto do piano  
Executando linda melodia,  
Não sei o que te punge neste dia.

Será talvez um grande desengano,  
Uma grande alegria ou aflição,  
Ou somente será recordação?

*As três irmãs*

São três irmãs, tão singelas,  
As que sempre nas janelas  
D'uma bela moradia,  
Bem a tarde, sempre as vejo,  
Que confesso meu desejo  
De as roubar em pleno dia.

São três contas de um colar,  
Surgiram p'ra alimentar  
Pobres corações humanos.  
Atrás destas formosuras,  
Digo, destas três criaturas,  
Se acham muitos desenganos.

## *Ilusão*

Nada mais agradável que a ilusão.  
É ela quem nos dá o lenetivo,  
O nosso bem estar, se fugitivo,  
Por' emanar da própria ilusão.

Ressai, já no lascivo latagão,  
É age como um veneno corrosivo,  
Mais tarde, chega ao fim, bem decisivo  
Desgarrando em cruel desilusão.

Ela ressaí depois que nasce o amar.  
Mas aos poucos já vai se apoderando,  
P'ra depois transformar-se no penar.

Assim, de dentro da luzida ermida,  
À ilusão deliciosa, estou clamando,  
Sucedem-se as borrascas da má vida.

## *Desilusão*

Disseste a alguém, que estás desiludida,  
E êste alguém, a mim só, contou-me tudo.  
Mas não temas; embora saiba a vida,  
Me conservo calado, como um mudo.  
Vem a mim e segreda o teu sofrer.  
Vem a mim e revela o que tu sentes,  
Pois vem, que encontrarás um pobre sêr,  
Amigo sêr, de coração, ardente.

Vem junto a mim e fala com vontade,  
Sussurra-me no ouvido o fel da vida.  
E torna assim mais sólida a amizade,  
Esta amizade que tornou querida.  
Quero sentir teu peito junto ao meu,  
E quero que teu lábio então me diga,  
Mas tudo aquilo que você sofreu,  
P'ra que tua tristeza então me siga.

## *Raios d'esperança*

O airoso rico, o pobre miserável,  
Nenhum deles, no entanto, jamais cansa  
De trazer, em seus peitos, inefável,  
Raios de bom porvir, raios d'esp'rança.

Promanam duma fonte inesgotável,  
Dos sonhos tendo sempre a semelhança.  
E parecendo a todos realizável,  
Põe a turba a pensar, sim! que os alcança.

Como sopra divino se apresentam.  
Sempre a nos bafejar, qualquer local,  
E as nossas utopias alimentam.

Quantas vezes assim não se suicida  
Um alguém, que embainha seu punhal,  
Por restar esperança em sua vida?

## *Ave Maria*

Escuto ao longe o badalar do sino.  
São seis horas da tarde. Ave Maria.  
E eu tão triste, tão só, nesta agonia,  
Minh'alma quer se transformar em hino,

N'um tremulo cantar, de violino,  
P'ra só, ir, junto à ti, que então vigia,  
E submisso, pedir, a senhoria,  
A esmola de um olhar, a um pequenino

Sêr, que se sente muito acabrunhado,  
Cumprindo a missão, a sua sorte,  
E que esperando a só divina morte.

Morre, porém, contente, consolado,  
Porque cantou na su'última oratória,  
Hino de paz, de amor, de eterna glória.

!

Lua! Embora pernoites bem sobeja,  
A vaguear, anda alegre a procurar.  
Pobre de quem, como eu, nada deseja,  
Sou demente horto, lorpo, a farfalhar.

Ninguém mais, nem a musa me bafeja!  
Nem sequer eu aguisto o teu olhar.  
É a quem a gente nunca se coteja,  
É que está sempre a nos atormentar.

Impio sou; e sem ter, no que pensar,  
Já permutei a noite pelo dia,  
Para à você querer me assemelhar.

Por isso olho teu lume a lucilar,  
Até chegar o derradeiro dia,  
Que divo, para o céu, me então chamar.

## *Amor sagrado*

O amor à ti, te consagrei egrégio,  
E p'ra assim conservá-lo, o quanto fiz  
Mas meu, pensei ser êste privilégio,  
E um alguém, no entretanto, assim não quiz.

Prescruto:- foi talvez um sortilégio.  
Do céu, arcanjo arcano assim m'o diz.  
E eu inerme assisti o sacrilégio,  
Só p'ra ver-te na régia mui feliz.

Fiquei longe de ti. Sim, muito longe,  
Onde passo a trilhar pérfido areão,  
Na candura d'humílimo e bom monge.

Vivo implorando, e orando no deserto,  
Para a morte chegar; p'ra ser então  
Um celícola, e assim, de ti bem perto.

*A memória de Regina*

Certa tarde de um mês quente,  
Tive eu o prazer ardente  
De falar com a Regina.

Mas sou pobre e ela é rica,  
E p'ra ela, sei, bem não fica,  
Ainda mais que ela é menina.

Certa tarde de um mês frio,  
Bem sós, tu e eu, ninguém vio,  
Começamos conversar.

Mas sou pobre e ela é rica,  
E p'ra ela, sei, bem não fica,  
Conjuguemos verbo amar.

Mas porém a natureza,  
Por realçar tua beleza,  
Me mostrou o que era amar.  
Senti algo diferente,  
Que entorpeceu minha mente  
E deixou-me a farfalhar.

## *Sonho póstumo*

Só tu, foste rainha em minha vida;  
Em seureinado, era eu servo obediente,  
Que cumprindo a missão tal como um crente,  
Quasi que me tornei um fratricida.

Mas no entretanto, foste-me insolente,  
É tratavas a mim, com alarida.  
Mas minh'alma sentiu-se tão dorida,  
Que nunca mais alguém viu-me ridente.

Nós estamos na eterna residência.  
E agora, que nós somos dois defuntos,  
Na campa, viveremos, sempre juntos.

Aqui não prestarei mais obediência.  
Somos iguais. E tú, sem mais liró,  
Dentro em pouco serás, tal qual eu... pó.

*Segue filha*

Filha! que és do meu corpo um gran pedaço,  
Como punge-me ver-te assim tão fria;  
Já sem ti, passarei toda invernia,  
Sem sentir o calor de um teu abraço.

Pois me lembro das noites que em vigia  
Ficava, te embalando em meu regaço;  
Porém hoje, que vejo o teu esvoaço,  
Para mim, triste vida principia.

Segue filha! p'ro reino bom de Deus.  
Embora eu fique aqui nesta aflicção,  
Sempre junta estarei dos restos teus.

Filha! que és do meu corpo o coração,  
Tu'alma quero que vá la para os céus,  
Já que teu corpo fica na mansão.

!!!

Dorme criança, o sono eterno,  
Longe mui do lar materno,  
Sem acordares jamais.  
Estás, bem sei, descansada,  
Na tua última morada,  
Bem juntinha de teus pais.

*Junto ao sepulcro da huri*

Pois você quando morreu.  
Mas que horror! Que desespero!  
De alegre o mundo p'ra mim  
Por completo entristeceu.  
Já o sol não mais brilhou;  
E naquele mesmo dia,  
A lua no firmamento  
De tão pálida apagou.  
Nenhuma estrela no céu,  
No azul do céu, cintilou.  
Foram todas se apagando,  
Lhes cobriu um denso véu  
Mas que horror! Que desespero!

Pois você quando morreu  
Passei dias e até noites  
Na mansão junto de ti.  
O falar me emudeceu.  
Pois você quando morreu,  
Mas que horror! Que desespero!  
Puras lágrimas sentidas  
Nos meus olhos não correram.  
Não podiam é chorar,  
Pois estavam muito secos.  
Mas eu curtia a tristeza  
Sem poder manifestar.  
Mas que horror! Que desespero!

Mas... bem foi passando o tempo,  
E hoje estou bem junto à ti.  
Se passaram muitos anos,  
De constante sofrimento.  
Pois eu vivo sem arrimo  
Só porque perdi o amor;  
Era a mais preciosa flor,  
Conservada em muito mimo.  
Sem poder chorar... chorar...  
Mesmo assim estou aqui.  
Eu exprimo o sentimento  
Sem as lágrimas brotarem.  
Mas que horror! Que desespero!

Bem quizera longe estar  
Deste lúgubre logar,  
Porque os órgãos me comprimem  
O coração; respirar  
Ouvindo bem êste cântico  
Não posso. Punge me o luto.  
Feliz a dôr que possue  
Na lágrima o lenitivo,  
Desta agonia interior  
Do coração, no momento  
( Meu Deus! eu não mais suporto )  
Desta gran, suprema dôr.  
Por piedade, oh! Deus. Ampara-me.





*Alguem me diz...*

Disseste-me em tua epístola:  
" Tristeza foi e será  
Neste mundo de ilusão,  
Sincera amiga,  
Inseparavel. "

O mesmo dá-se comigo.  
Mesmo sendo a boa amiga,  
Teremos de nos conter  
E separarmo-nos  
Instantes dela.

Procures bem a alegria,  
Que tu deves encontrar,  
Pois és criança e mui boa  
E sei, mereces  
Ser bem feliz.

Procure a felicidade  
Que não deve só, morar;  
Deve ter s'a companheira,  
E esta, é você,  
Alguem me diz.

*Mocidade,  
não deixe para o fim*

Acabou-se já o tempo do saber,  
Os amores sincéros de se ter,  
E no domingo só (hoje todo o dia).  
Namorar, diz o velho, se podia.

Mas nós é que sabemos bem viver,  
Pois não cremos no amor sincero haver.  
Só queremos brincar, muita alegria,  
E dantes, diz o moço, é velharia.

E por isso alto a todos se dirá:  
Mocidade, não deixe para o fim,  
Porque já velho então você será.

E porque não sabemos nosso fim,  
Pois nem sempre elegância se terá,  
Não mais a face aceitará carmim.

## *Jovem casal*

Se deu a pouco o vosso casamento.  
Assim, eis realizado o vosso ideal.  
E então, sobejo de contentamento,  
Também vos quiz saudar, jovem casal.

Há bem pouco, prestastes sacramento;  
Estais agora, em vida conjugal.  
Bem sei que nela sentireis alento,  
Para levá-la ao término triunfal.

Ireis agora, construir seu ninho.  
E eu mais tarde ei de alegre me sentir,  
Só por vê-lo feliz, no seu ranchinho.

Pois vá. Seja feliz. E vá com Deus.  
E que a felicidade no porvir  
Pertença-vos, são os desejos meus.



!

Irmanados, nós dois, no mesmo sonho.  
Lauda a lauda da vida então compondo,  
Mendigamos a Deus, Nosso Senhor,  
A alegria eternal em nosso amor.  
Deixamos o destino em sua mão  
Esp'rando o dadivar de sua unção.  
Na borrasca da vida viveremos;  
O sofrer não nos intimidará,  
Venceremos etapa por etapa.  
Alegres e felizes, prazenteiros,  
Iremos nós a estrada estracinhar.  
Satisfeitos, chegando, ao fim da mesma.  
Teremos nós, depois, quando já anciões,  
O passado, ufanoso, por espelho.  
Volveremos, então, lauda por lauda,  
As folhas todas, sim, o livro inteiro,  
Remoçaremos, pois, o nosso amor.

*Teu retrato*

Êste retrato, que me deste, um dia,  
E tenho, sempiterno, em minha frente,  
Fez tornar meu ideal, mui mais ardente,  
Tirou-me da masmorra em que vivia.

Do momento que o dia principia,  
Ao exordiar-se o sól, já muito quente,  
Ao seu, enalço vou, celeremente.  
Fitá-lo, a todo instante, é uma alegria.

Eu não sei com que possa agradecer,  
Êste ato teu, gentil, de cortesia,  
Que abalou, toda célula em meu sêr.

Tendo gravado, atraz, seu belo nome,  
Será, meu lenitivo na invernia  
Da vida que, desfaz-nos e consome.

*Meu retrato*

Certa vez, sua voz, me revelou  
Um segredo; que lá, tinha escondido,  
No estojo de charão, do peito amigo,  
Um meu retrato, que, você encontrou.

A sua" confissão mui me abalou,  
E deixou-me algum tempo, até aturdido.  
Porém, voltei a mim. Tudo esquecido,  
Apenas, o charão me imprecionou.

Esta riqueza, a tempo, que procuro.  
Sei que está, em local, muito seguro,  
Bem difícil da chave então tocar.

Mas ceda-me, amiga, um só instante,  
P'ra eu retransir, aí, no peito amante,  
E agradecido, então, sempre o adorar.

*Ir-me*

Ir-me embora, p'ra além, muito distante,  
Lacrimando de saudade e amor,  
Morrer sofrendo, sim, meu peito arfante,  
A lembrar-se de alguém com gran dulçor?  
Detesto eu êste modo de viver,  
Espêlho de um futuro bem infeliz.  
No meu cérebro, esteril, que possuo,  
O teu semblante, de mulher, cultuo,  
Velando, dia e noite, sem cessar.  
Adorna-o meu resquício de saber;  
Irriga-o minha lágrima, em meu sêr,  
Sabe guardá-lo, enfim, meu coração.

## *Teu album, minha inspiração*

Escrevendo em teu album, gostaria,  
O perfume trazer de linda flôr,  
Mas não sou sábio mestre na magia,  
Muito menos um leve beija-flor.

Quizera ter a gran sabedoria  
De um poeta genial, sutil cantor,  
Para em versos fazer, de real valia,  
Um soneto de inédito sabor.

E procurei tirar (mas tudo em vão!)  
Daquela flor o aroma delicado,  
Para escrever com fé e inspiração.

Vendo afinal o tempo desperdiçado,  
E não podendo expor minha pensão,  
O meu trabalho dei por terminado.

## *Teu aniversário*

Hoje é o dia do teu aniversário.  
Um sonho, de alegria e de prazer.  
Onde vês na candura do rosário  
Da vida, mais u'a conta, já nascer.

Que vá, esta também, p'ra teu sacrário,  
E lá então, nunca mais se desfazer.  
E possas tu no teu itinerário  
Depois, conta por conta então rever.

Nesta conta, tão simples quã sincera,  
O meu nome escrever, também quizera,  
Muito embora bem no último lugar.

Será guardada sei com devoção.  
E possas tu, quando eu, lá na mansão,  
D'um humilimo servo recordar.

*A morte*

Trabalho dia e noite, noite e dia,  
Retortas e balões... laboratório.  
Sim! compulsando livros de valia,  
Para tornar o cosmos ilusório.

E neste, meu viver muito simplório,  
Passei, a mocidade, fugidia,  
Até encontrar um algo de notório  
( Arcanjo arcano de muita valia ).

Eis a surpresa que o mundo me traz.  
De contente conservo-me calado,  
Nem obrigado sei dizer. Sim. Mas...

Revolvia-me saber, que um dia a morte,  
No seu império louco e desalmado,  
Virá, despedaçar, a minha sorte.

*Minhas lágrimas*

As lágrimas pendentes em mi'a face,  
Rolaram pelos sulcos que aí têm.  
Cair vieram sôbre êste papel,  
Por ter saudade de alguém.

Rolaram, vou dizer, u'a noite inteira,  
E só pararam ao amanhecer.  
Neste instante sentia-me demente,  
E cansado de viver.

Eu reli todas as páginas escritas,  
Tuas juras malditas, meu sofrer;  
Fiquei assim, como um demente, e então,  
Pedi a Deus p'ra morrer.

*Ao seu encaço*

Lancei-me certa vez ao seu encaço,  
A procura de ti que não me quiz.  
( Implorei para todos os divinos,  
Sabedores do grande sofrimento).  
Daí em diante nada para mim  
Alcançou mais o brilho e o esplendor.  
Me matar era um ato mui covarde;  
O sorrir, para mim, sim, se acabou;  
Transformei minha vida em penitência,  
À espera do céu não muito além.  
Rasgou-se certo dia êste véu negro,  
Invalidando todo o meu sofrer;  
Bafejou-me de novo a alegria.  
Que dia, ninguém pode imaginar,  
Incendiou-se de novo o coração;  
Roubei de ti, de novo, a companhia,  
O prazer de viver, p'ra te adorar.

*O que sonhei*

Mandar-te a um mundo eterno de alegria,  
A um paraizo, igual, ao que pensei,  
Rendendo-te daqui, soberania,  
Guardando-te, porém, só para mim,  
Ah! sim, foi êste o sonho que sonhei.  
Recobrir, digo mais, todos caminhos,  
Incutindo, bem neles, o alvor teu,  
Depositando muitos pedacinhos,  
Ah! Deus, do pobre coração que é meu.  
Nele quizera ver você sentir  
O bom país, que é o da, felicidade,  
Um romance de amor que não tem fim.  
Vejo já os teus lábios se entreabrirem,  
E jurarem que isto há de ser verdade,  
Logo não sei, porém, porque acordei.

**O**

**meu**

**livro**



## *A memória de Dóra*

Pareço ver que estás sempre dormindo,  
E sinto então vontade de acordá-la,  
Para vê-la outra vez, e então sorrindo,  
Só a mim dirigir meiga fala.

E mgostava de estar sempre te ouvindo,  
Ouvir tua palavra que me embala,  
E me põe a sonhar, um sonho infindo,  
Um sonho que me faz mais adorá-la.

Mas sinto um qualquer cousa, um não sei que,  
Ao recordar-me que você morreu,  
Quando estou bem juntinho de você.

Neste momento aquele talismã,  
Me faz pensar em tudo que era teu.  
Em tudo que era teu oh! minha irmã.

*Aos meus pais**(no dia de seus aniversários)*

Com esplendor prescrito. Se aproxima.  
Empertigo; mais cresce a ambição.  
Jovial por dar, ninguém pois imagina,  
Joia usurpada do meu coração.

Ignota. Qual será a jóia então?  
No tirar, todo filho se lastima.  
Mas um bom filho arranca, o coração,  
Pedra rica e candura, muito fina.

E ao chegar o almejado, grande dia,  
Para mim, sinto ao exsurgir, al'gria,  
Por poder, o presente dar enfim.

E esta jóia é um raminho (finas flores),  
Que no onusto floral, de mil odores,  
Todo jolue, cortei, no meu jardim.

*Ano novo*

Promitente e feliz — é o ano novo.  
Nele está nova fase de esperança,  
Resumindo o ideal de todo um povo,  
E que jamais na vida se lhe alcança.  
Novo ano nova fase de esperança,  
Que surge bem jovial no coração,  
Bem sentindo de todos a pujança,  
Sepultando qualquer desilusão.

*A vida*

Tal qual u'a baforada de fumaça,  
Que ao surgir se assemelha a de um vulcão,  
E que o espaço bem célere galgando,  
Vai deixando os seus restos para traz,  
E que aos poucos em nada se desfaz,  
Já de novo em moléculas voltando,  
Que se perdem p'ra sempre na amplidão,  
Tal qual assim, a vida, também passa.

## *Dama do cabaré*

Você no volupiar, vertiginosa,  
Sim é, mesmo você, linda mulher,  
Que cada noite vem, mui mais formosa,  
P'ra cantar e dansar. O povo quer.

Cobre o seu lindo corpo, veste airoso,  
Que aparecendo todo rosicler,  
Deixa ver sua carne, perfumosa,  
Com o aroma oriental do yetiver.

É aplaudida e no término da dança,  
Já você, mui gentil, agradecida,  
Dar um olhar p'ra todos, não se cansa.

E passa a mocidade, a noite em pé,  
Pardendo o melhor tempo em sua vida,  
Enlevando a mulher do cabaré.

## Muralha

Muralha, por devoção formada,  
Distante, divulgaste teu valor.  
Um dia foste proferida em fada  
E a todos, acolhia com pundonor.  
Solta a pedra, destruída s'a guinchada,  
Mesmo assim não omites o fulgor,  
Tu foste o catecismo da sagrada  
Terra, de real, de inédito valor.  
Sim, as pedras finais que colocaram,  
Foram pedras Sagradas de gran dor;  
Lágrimas puras os homens deixaram,  
Quando lá laboraram com ardor.  
Mas depois tudo foi abandonado,  
E os seus filhos perderam o pudor,  
O templo que era mui considerado,  
Hoje serve somente para o amor.

*Deus*

Deus, eu bem sei, que vós, Nosso Senhor,  
Fostes sim, o creador desse gran mundo,  
Que horas nos faz passar cogitabundo,  
P'ra poder penetrar no seu interior.

Muitas vezes nos deixa furibundo.  
É qualquer cousa, que nos causa horror,  
E nos deixa a pensar, onde terror  
Tal, tão funesto, foi então oriundo.

Deus, eu bem sei, que vós, Nosso Senhor,  
Fostes sim, o creador desta natura,  
Cheia de paz, beleza e eterno amor.

Mas oh! Deus, junto desta formosara,  
Existe a fome, a guerra, o dissabor...  
Vos pergunto, quem fez tanta amargura ?

*O demente.*

( Farfalhar )

Farfalha sem cessar, pobre demente,  
Farfalha, a tua sina é farfalhar.  
Num esconso tu vives, inconciente,  
Passas mesmo sem ter no que pensar.

Tu a miséria humana é que mui sente,  
Mas p'ra ela vives tu a gargalhar.  
Não vês o sol de dia, reluzente,  
E nem a noite, o bem airoso luar.

Sem pensar já no mundo a ti ausente,  
E sem ter a noção do teu presente,  
Vives tu num costante gargalhar.

Na céla tua vida se resume,  
E sem alguém ouvir um seu queixume,  
Vives tu num costante farfalhar.

## *Mendicidade*

Sempre sentada ao lado duma igreja,  
Que fica não distante desta praia,  
U'a boa anciã consome a sua vida;  
Fas dali o seu lar, sua guarida,  
E já sem que um momento dali saia;  
O destino quem quer assim o seja.  
A cada um que penetra no recinto  
Fas sempre ouvir a sua vóz rouquenha,  
Ao mesmo tempo que lhe estende a mão,  
A lhe implorar o mísero tostão.  
Sempre a rogar daquele que mais tenha,  
Para nutrir seu corpo mui faminto.  
E sempre ao vê-la junto desta igreja,  
E assistindo esta cena de esmolar.  
Qualquer cousa me oprime o coração.  
Sinto vontade de clamar então,  
E essa injustiça pois se reparar.  
Mas Deus me ordena que em silêncio esteja.

## O pedinte

Na amplidão do lácivo, alegre dia,  
Um pedinte bem rôto e com larôta,  
Se aproxima de mim; com alegria,  
Implora, e no pedido então chacota.

E assim, a multidão que é toda ignota.  
E eu lorpo, a farfalhar, sem cortesia,  
Lhe mando prosseguir em sua rota,  
E então deixar de tão grande ousadia.

Afinal, vai o sol já descambando.  
No meu usual error eu prosseguia,  
E sentia pesar-me a invernia.

Ao longe escuto alguém, chacota entoando  
Com uma gran candura; era o erradio,  
Que no esconso, abrigava-se do frio.

*No secesso*

A chuva principia lentamente  
Cair sôbre a cafunha ressecada,  
E o vento a bafejar suavemente,  
Frue, e arvora o pó, na estrada empoadá.

Lá no horizonte o sol lugubrememente,  
Está a clamar u'a péssima noitada;  
Pois está o seu ráio não mais quente,  
Sua face, também, menos rosada.

A água se avoluma, e em corrente,  
Exordia-se a terra a ser regada,  
Cada vez, muito mais, celereamente.

Iniciou-se com tédio a noitada;  
E o latagão bem lasso ansiosamente  
No secesso, suplica, a alvorada.

*Faquir*

Faquir... tu és um monge muçulmano,  
Que vives esmolando e no ascetismo.  
Talvez seja por grande desengano,  
Ou então, talvez seja, por egoísmo.

O teu viver não me enche de eretismo,  
Mas só, me faz pensar, que és um insano,  
Que procura no mundo, o barbarismo,  
P'ra se livrar do lado que é mundano.

Bem assim, vives tu, pobre faquir.  
Sem jamais praticar um adultério,  
Espera um mundo casto que há de vir.

Sempiterno estarás, neste ascetério.  
Sem ter, a chama acesa do porvir,  
Esp'rando a vida além do cemitério.

## *A partida*

Alegria... clamores... saudações...  
Representam puríssima ilusão.  
Porque dentro dos jovens corações,  
Reina ainda a mais íntegra visão.

Mas eles poem de lado tais visões;  
Lá se vão, defender, o seu rincão,  
Pois vigora nos seus bons corações,  
Sangue nobre de altiva e gran nação.

Eis que chega o momento da partida.  
Vão ao fronte ajudar os que combatem  
Em defeza da pátria ofendida:

Empunhando a bandeira, e s'a canção  
Entoando, ao som dos rufos eles partem,  
Não sabendo se um dia voltarão.

*Um só fruto colher*

Numa mesa senteij; para pensar,  
E poder escrever composição;  
Pois o quão é difícil arrancar,  
Um só fruto colher, pura criação.

Embebido fiquei no imaginar;  
Tão difícil achei ser ela então,  
Que dormi. Mas só neste relampear,  
Quantas obras eu ví, fértil pensão.

Mas achei maravilha, que doçura,  
O compor livros tais de gran grossura,  
Que já estava os meus versos escrever.

Acerdei-me, e pensei que era verdade;  
Não a mim, p'ra quem falta a qualidade,  
Para uma só composição fazer.

## *Pedro Alvares Cabral*

Quando no encalço do sonho primeiro,  
Trilhado milhas e mais milhas tinha,  
Eis pois, que de repente, se avizinha  
De muito longe, a terra do coqueiro.

Sua barca veleja mui mansinha,  
Enquanto à pôpa já, o trombeteiro,  
Clamava alegre ao bando aventureiro,  
Que gran tezouro em pouco já lhes vinha.

Redobrou a ganância do estrangeiro,  
Quando desceu a terra do cruzeiro,  
(Issô se deu no quente mês de abril).

E assim foi que Pedro Alvares Cabral,  
Num gesto que o tornou um imortal,  
A Índia Americana veio... Brasil

## *Vida d'um beduino*

Em viagem beduino desgraçado,  
Que montando bellissimo camelo,  
Eis que encontra um oásis no deserto.  
Bem velóz se dirige, e só hem perto,  
Que nota ser miragem...pesadelo...  
A viagem prossegue derribado.

Mas em meio o caminho muito chora,  
Só por não ter achado um seu rincão,  
Onde pudesse então ter-se abrigado.  
Ei-lo assim no caminho, treloucado.  
Que não tem mais comida em seu arção,  
O desgraçado humano, não ignora.

Mas sente muito alento na cruel viagem,  
Pois no horizonte oásis lhe divisa.  
Seu camelo não pode mais andar,  
E é mui grande a distância p'ra trilhar.  
Quenta ir; não podendo, êle agoniza,  
P'ra morrer, depois, longe da estalagem.

## *Meu pendão*

Sigamos para frente, oh! mocidade,  
Empunhando co' amor nosso pendão.  
É êle quem nos dita a igualdade.  
Exaltemos, a êle, gratidão.

Sim. É êle que bem nos representa,  
Grassa em todo recanto, em toda a terra;  
Com todo o orgulho o brasileiro ostenta,  
Na boa paz, ou mesmo quer na guerra.

É o pendão u'a estátua idolatrada  
Cheia de muita glória e dissabor.  
Salves nós! nunca a vimos derrotada,  
Pois sempre a defendemos com ardor.

Ao olharmos no teu grandioso vulto,  
Já sabemos que temos de fazer:  
Lhe livrar do inimigo mais estulto,  
Ou então, defender até morrer.

Sigamos para frente, oh! mocidade,  
Salve o lindo pendão de nossa terra.  
Pois toda juventude com vaidade  
Muito o ama, na paz ou quer na guerra.

## *Brasil*

Brasil... terra adorada e tão falada,  
Berço de homens ilustres, poetas mil,  
És terra produtiva e cubiçada,  
Com o teu belo e puro, céu d'anil.

Brasil... és tu esta nação tão rica,  
Rica com minas de minérios mil.  
Igual à inteligência dos teus filhos,  
Que elevam o seu nome varonil.

Brasil... desde que foste descoberto.  
És o aconchego eterno mais gentil;  
A visita tu sabes agradecer,  
Pois mesmo aquela que lhe trata hostil.

Brasil... em toda guerra que tomaste  
Parte, viámos o amor dos teus febril;  
Em todas sempre impondo honesta glória,  
Sempre trazendo-a grande, meu Brasil.

Brasil... pois todo filho saberá  
Defender-te, do velho ao juvenil;  
E sendo eu um dos teus filhos queridos,  
Estou aqui as ordens... meu Brasil.

## *Cético*

Quando estou insulado, em devaneio,  
Fantasio e medito; na verdade,  
O imaginar d'outrem também eu creio,  
Afastando-me tanto a realidade.

Porém, voltando a mim, vem o receio,  
E cético me torno; u'a quantidade  
Mui grande de argumentos sem esteio,  
E no explicar há grande adversidade.

Acho tudo ilusório nesta vida.  
Verosimil, embora vendo in'fável,  
Quando volto d'humilde abstração.

Contudo sendo mui bem sugerida,  
Argumentos em número apreciavel,  
Sempre nos resta uma interrogação.

### *Três opiniões*

Certa vez n'uma roda se encontravam,  
Quando foi a palestra interrompida,  
Pessoas desejosas perguntavam:  
— De vocês qual sua maior amiga?

E uma pausa de todos foi sentida.  
Silenciosos, serenos, meditavam.  
Mas por um a palavra foi pedida,  
E em seguida consientes opinavam.

E o ancião por ser homem solitário,  
Despreocupado, disse: — o meu diário.  
O adulto, parecendo falar a esmo,

Desiludido, disse: — sou eu mesmo.  
E o jovem, bem por último empafiado,  
Falou: — mamã, o meu amor sagrado.

*Todos dizem*

Já despertava bela a madrugada,  
Quando o céu nos mostrava a s'a beleza;  
Na mata, só o cantar da passarada,  
A todos encantava a s'a fineza.

E findava-se assim uma noitada,  
Enquanto agora o sol dava riqueza,  
Pois começava a terra ser regada  
Com seus raios de grande fertiliza.

E iniciava-se assim muito renhida,  
Mais um dia a gran luta pela vida,  
E que a todos só traz muita nobreza.

Fitando êste lindíssimo cenário.  
Todos dizem, até mesmo o operário.  
Como é linda e bem rica a natureza.



# Índice



**MOCIDADE**

*Mocidade* . . . . . 15

*Era uma vez* . . . . . 17

## O LIVRO ESCOLAR

<i>Ser mestre . . . . .</i>	23
<i>Abdon Petit Guimarães Carneiro . . . . .</i>	24
<i>Normalista . . . . .</i>	25
<i>As crianças . . . . .</i>	26
<i>Amizades escolares . . . . .</i>	27
<i>Adeus, escola . . . . .</i>	28
<i>A despedida . . . . .</i>	29

**O LIVRO DE IZABEL**

<i>Izabel</i> . . . . .	33
<i>Sonno virginal</i> . . . . .	34
<i>Foi depois</i> . . . . .	35
<i>Amor de garimpeiro</i> . . . . .	36
<i>Tuas mãos</i> . . . . .	37
<i>Musa</i> . . . . .	38
<i>Devoção</i> . . . . .	39

## O LIVRO DE REGINA

<i>O olhar de Regina</i> . . . . .	43
<i>Mendigo</i> . . . . .	44
<i>A mulher</i> . . . . .	45
<i>Teu piano</i> . . . . .	49
<i>As três irmãs</i> . . . . .	50
<i>Ilusão</i> . . . . .	51
<i>Desilusão</i> . . . . .	52
<i>Raios d'esperança</i> . . . . .	53
<i>Ave Maria</i> . . . . .	54
<i>!</i> . . . . .	55
<i>Amor sagrado</i> . . . . .	56
<i>A memória de Regina</i> . . . . .	57
<i>Sonho póstumo</i> . . . . .	58
<i>Segue filha</i> . . . . .	59
<i>!!!</i> . . . . .	60
<i>Junto ao sepulcro da huri</i> . . . . .	61

<i>Alguém me diz . . . . .</i>	<i>67</i>
<i>Mocidade, não deize para o fim . . . . .</i>	<i>68</i>
<i>Jovem casal . . . . .</i>	<i>69</i>

